

## OS CONTOS DE FADA E A PSICANÁLISE: A SIMBOLOGIA DOS PERSONAGENS E A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO NA INFÂNCIA

Luana Tiago de Freitas<sup>1</sup>  
Pollyana Brandão Gomes<sup>2</sup>

polly.matipo@gmail.com

**ÁREA DO CONHECIMENTO:** Ciências Humanas

### RESUMO

As histórias infantis, desde as primeiras formas da sociedade, possuem um papel de contemplativo ao ser humano. Os dilemas apresentados, que são acometidos na infância, competem as crianças uma assimilação lúdica da vida, podendo auxiliar na promoção de estratégias que visam solucionar as angústias proporcionadas pelas vivências infantis. Além disso, por meio dessa contação/leitura de histórias, ocorre a estimulação da cognição, do gosto por ler e da própria oralidade. Por isso, o trabalho em questão é justificado pela elaboração de uma revisão bibliográfica que, através de uma leitura psicanalista, pondera conceitos e processos infantis em decorrência da apresentação das narrativas que foram mencionadas no decorrer deste. Objetivase levantar publicações e textos que analisaram previamente o assunto, dando credibilidade ao tema abordado. Trabalhos como este são importantes para a promoção de novas práxis, para ampliação de conceitos da psicanálise e melhor compreensão da relação e construção do sujeito social. Contudo, foram analisadas as histórias mais comumente narradas, sendo: Branca de Neve, Cinderela e Chapeuzinho Vermelho. Nelas foi possível observar aspectos específicos de algumas situações que tendem a ser vividas na infância de qualquer criança, mas também aspectos muito comuns, que estão presentes na maioria dos lares. Os textos, além colaborarem para desmistificar os conceitos polêmicos sobre sexualidade que estão presentes na infância, transmitem também ideias de luta contra as divergências.

**PALAVRAS-CHAVE:** contos de fada, Psicanálise, histórias infantis, simbologia.

### INTRODUÇÃO

Os contos de fada, de acordo com Cherubino Simões e Oliveira (2021), estruturaram-se socialmente em meados do século XVII na sociedade. Nesses contos, narrativas peculiares estão dispostas além da inserção de criaturas místicas e magia. Outrora, contempla-se através dessas histórias vários dilemas que precisam ser resolvidos, dilemas esses que se sujeitam a disposição de um herói ou heroína incumbidos de solucionar a problemática apontada. Zanuzo e Menegat

<sup>1</sup>Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário Univértix.

<sup>2</sup>Psicóloga, Professora do Curso de Psicologia no Centro Universitário Univértix.

(2021), fomentam, ainda dentro desse contexto, que justamente na infância as crianças se deparam com uma série de impasses dos quais ainda não são capazes de compreender, e para isso os contos essenciais na assimilação. Ainda de acordo com os autores supracitados, os contos de fada exercem a função de ampliar a criação de estratégias a fim solucionar as angústias pelas quais somos expostos durante a vida, mesmo que de forma lúdica e ainda que saibamos que nem todo final será “feliz”, torna-se uma forma de reconforto ao indivíduo se deparar com algum personagem vivenciando histórias análogas as suas. De acordo com Bettelheim (2019), na infância há a possível elaboração de conflitos por meio da projeção, tendo o protagonista como ponto de perspectiva, por exemplo.

Ademais, Iacovantuono (2021), adiciona crédito a esses benefícios. Há melhoria e ampliação em questões linguística, cognição, no apreço por leitura, no aumento de vocabulário e insere contribuições para a formação tanto emocional e psicológica quanto social, principalmente durante as conhecidas primeira e segunda infância.

O trabalho em questão justifica-se através de uma revisão bibliográfica sobre assunto abordado, dando ênfase nos aspectos psicanalíticos que medeiam as histórias de conto de fadas, a infância e seus processos. Nossa hipótese é de que há uma colaboração relevante na inserção de contos de fada no imaginário infantil a fim de que cooperem para a formação do sujeito, auxiliando no processo de construção da autoimagem, no senso crítico, na ideia de mundo e na interpretação de fatos.

O objetivo deste trabalho é analisar, levantar e descrever publicações científicas que promovam a confiabilidade e que proporcionem credibilidade do tema exposto, uma vez que ele propicia uma série de reflexões além das já mensuradas.

Trabalhos como este são importantes para ampliação de conceitos do saber psicanalítico, da construção o sujeito no âmbito social, compreensão das relações pré e pós estabelecidas na infância que tornam aspectos a serem trabalhados na análise em consultório, além de incentivar novas práxis com os novos conteúdos publicados a respeito.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Os contos infantis são inseridos no imaginário das crianças desde muito pequenos. Diferente do que se conhece hoje, eram vistas como “adultos em miniaturas”, em meados do século XVIII, onde não possuíam papel representativo tão grande como agora (JUNG; SCHORN, 2020).

É conceituada a primeira infância o período pelo qual inicia-se a concepção até meados dos 6 a 8 anos de idade. É também acentuada pela neurobiologia que, embora existindo a neurobiologia do desenvolvimento, pode-se relacionar as experiências vivenciadas aos comportamentos e a aprendizagem (BATISTA; SANTOS, 2014).

Os contos de fada, atualmente, são analisados em múltiplas esferas do conhecimento, sejam elas antropológicas, históricas, literárias e ou psicológicas. No entanto, é concordado entre todas elas que ascendência permeia antepassados pré-históricos (MEREGE, 2019). Alguns, de acordo com Iacovantuono (2021), foram criados durante a Idade Média e pretendiam ser contadas à adultos, como forma de entretenimento, por isso, eram dispostas de altas doses de violência, canibalismo e estupro, por exemplo.

As histórias, das quais são de conhecimento geral hodiernamente, foram reelaboradas por Charles Perrault. O autor, desenvolveu nesses contos, anteriormente macabros, um estilo mais leve e apto a ser passado a crianças. Contudo, seus personagens adquiriram aspectos morais e éticos, as histórias passaram a contemplar valores e princípios a serem desenvolvidos nas crianças (IACOVANTUONO, 2021).

Os contos de fada percorrem o imaginário humano. Nas crianças, a construção do eu está acontecendo de forma efetiva e, por isso, há a transmutação do processo egocêntrico para o social. Uma autodefesa é estimulada, juntamente com a ânsia por independência, a criança deseja inconscientemente firmar sua identidade (CASTRO, 2008).

O psicanalista Bruno Bettelheim pondera em sua obra:

Para regular os problemas psicológicos do crescimento (superar as decepções narcísicas, os dilemas edipianos, as rivalidades fraternas; ser capaz de renunciar às dependências da infância, afirmar sua personalidade, tomar consciência de seu próprio valor e de suas obrigações morais), a criança tem necessidade de compreender o que se passa em seu ser

consciente, para fazer face igualmente ao que se passa em seu inconsciente (BETTELHEIM, 2019, p. 16).

É afirmado pelos textos psicanalíticos que os contos mensurados estão intimamente ligados a dubiedades que o sujeito enfrenta durante seu amadurecimento emocional. Portanto, as crianças tendem a se identificar com o “mocinho”, não por instinto de bondade e ou beleza física, mas sim pela identificação dos problemas dispostos ao herói/heroína (RESSUREIÇÃO, 2005).

Outrossim, os elementos que contém terror dentro das narrativas fomentam nas crianças o enfrentamento do medo. É notório que muitas delas peçam que haja a repetição de trechos onde há esse teor, pois o medo é um dos propulsores da fantasia e imaginação. É por meio dele que a coragem e curiosidade são despertados, bem como outras pulsões necessárias a vida (ARAÚJO; AMARI; OLIVEIRA, 2011).

O luto, por exemplo, é um processo que se faz presente em qualquer instância do desenvolvimento humano, inclusive na infância. Entende-se que o luto, na concepção psicanalítica não abrange somente a morte em si, mas também qualquer forma de perda. O ser amado e ou ideal pode apenas ter se tornado uma perda, relativo à função de objeto de amor, de maneira libidinal, ocasionando o sofrimento (MOURA; ASSIS, 2018).

Para Schneider e Torossian (2009), “O conto é vivido como personificação de formações e evoluções interiores da mente, pois usam a mesma linguagem que o inconsciente”, além disso, a psicanálise, de acordo com Corso e Corso (2006), percorre livremente por campos de narrativas. Ela propiciou um lugar de extrema importância das concepções que se dão atualmente da infância.

É de muita importância para a criança dar sentido coerente aos seus sentimentos, por isso precisa de ajuda e ideia de como colocar em ordem seus sentimentos e sua educação deve partir de conceitos significativos. Esse tipo de significado, ela encontra ao ser ouvinte ou ao ter contatos com os contos de fadas (FALCONI, 2015, p.87.)

“Os mitos e os contos de fadas expressam processos inconscientes e quando os escutamos, tais processos ganham vida e expressão. Assim, restabelecemos a conexão entre o consciente e o inconsciente”. Von Franz (1981), elucida que os contos de fada são, de maneira mais primitiva, a representação e expressão dos processos psíquicos do que se chama inconsciente coletivo.

Bettelheim (2007), salienta que a criança não está ciente dos processos íntimos que a permeiam. Os contos de fada realizam a exteriorização simbólicas e mutuam as demandas tanto exteriores quanto interiores. Todo esse crescimento pessoal promove grande concentração dela.

## **METODOLOGIA**

Em cumprimento do portfólio necessário para a graduação relativa ao Bacharelado em Psicologia do Centro Universitário Univértix, o método utilizado para discorrer as informações foi qualitativo, que segundo Monteiro (2016), tem o pesquisador como principal instrumento.

Após a leitura de um compilado de artigos e livros relacionando o tema proposto, realizou-se uma revisão bibliográfica, que de acordo com os autores Vosgerau e Romanowski (2014), é utilizada na possibilidade do fazer a compreensão de temas e movimentos da área qual há o desejo de discorrer estudo. Utiliza-se para obtenção e produção de análises críticas, configurações e propensão teórica, além de metodológicas. Esse tipo de pesquisa tem como intuito resumir, organizadamente, as obras utilizadas no estudo, bem como propiciam informações englobado aspectos relevantes na área do conhecimento.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

### **Branca de Neve**

O texto mais conhecido, popularizado pelos irmãos Grimm, tem como personagem central a própria Branca de Neve, uma princesa órfã. Inocente e gentil, a menina estava apta a sofrer os atos enciumados e invejosos da madrasta que, ansiava em ser mais bonita que a enteada (ARENA; PEDRO, 2020). Costa e Wanker (2021), salientam que assim como na maioria dos contos, Branca de Neve, a heroína, aparece como uma mulher jovial, doce, frágil e meiga, enquanto a antagonista, nesse caso a madrasta, é caracterizada por uma mulher mais velha, refém de sentimentos invejosos e portadora de algum poder, mágico ou não.

Bettelheim (2019), relata que o ato de se consultar no espelho, feito por pela rainha remete à história de Narciso, onde o personagem em questão amava apenas a si mesmo. O narcisismo, no entanto, é um processo considerável no

desenvolvimento infantil. Nessa narrativa, adverte-se acerca das situações que são consequência do narcisismo, tal qual para os pais e os filhos, uma vez que, no fim, a rainha é derrotada.

As características apontadas em Branca de Neve tornavam inspiráveis aos personagens masculinos os sentidos de proteção e admiração: o caçador, por exemplo, deixando a viver contrariando a ordem da rainha; os anões, que a abrigaram a fim de ela realizasse os cuidados domésticos, como uma mãe faria; e o príncipe, por fim, que se apaixonou por sua beleza e a desejava como esposa (ARENA; PEDRO, 2020).

O caçador, de acordo com Bettelheim (2019), é uma figura masculina apresentada muitas vezes nos contos de fada, que remete inconscientemente ao pai. Ainda levanta um questionamento referente a escolha de polpar a vida de Branca de Neve, considerando que, quem mais seria capaz de contrariar a rainha senão um substituto da figura paterna? O caçador é tido como um símbolo de proteção, não só nesse, mas em outros contos, como na Chapeuzinho Vermelho, por exemplo.

Já os anões, ainda de acordo com Bettelheim (2019), sendo sete, representam os dias da semana e, mesmo perplexos à beleza de Branca de Neve além de comovidos com sua versão de história de vida, explicitam as condições de que para viver com eles, o trabalho.

A história de Branca de Neve sugere que, embora a maturidade física esteja evidente, não quer dizer que o indivíduo esteja preparado emocionalmente e intelectualmente para a vida adulta, nessa narrativa representada pelo casamento. O príncipe, de acordo com Costa e Wanker (2021), remete a “necessidade” de um poder econômico, social e fálico. Espera-se que ele a salve e garanta a ela a segurança e promova a ela a justiça.

Salienta-se que antes de novos conflitos serem implicados à personagem foi necessário a ela um tempo de “maturação”, representados pelo tempo que padeceu no caixão de vidro, velada pelos anões. Todas suas fixações primitivas são externalizadas quando a maçã – objeto incorporativo oral – é cuspidada (BETTELHEIM, 2019). Fucks (2012), salienta que a lição apreendida no contexto dessa narrativa é de que se não houvesse por parte dela o domínio da situação a

qual ela foi exposta, gerando o crescimento e maturidade tal qual ela precisava, jamais teria encontrado e casado com seu príncipe.

## **Cinderela**

Na versão escrita por Charles Perrault, a história de Cinderela se trata de um pai que vivia com sua filha, sendo assim resolveu casar-se novamente com uma viúva da qual já tinha outras duas filhas. Após a morte de seu estimado pai, a garotinha passa a ser maltratada pela madrasta e pelas “irmãs”, que a tinham como uma espécie de criada. Já na versão popular dos Irmãos Grimm, Cinderela foi orientada pela mãe, no seu leito de morte a ser bondosa e gentil, e por ser dessa forma, Deus a compensaria e protegeria (SIMÕES; DE OLIVEIRA, 2021).

Para Bettelheim (2019), Cinderela não é apenas um conto de fadas comum. Trata-se também dar lugar de fala a respeito de agonias de rivalidade fraterna, de humildes que são exaltados, de sonhos que se tornam realidade, virtudes que são recompensadas e méritos sendo exaltados.

Moreira (2015) aponta as questões psicanalíticas desse conto, a começar pela rivalidade fraterna e os conflitos edipianos de Cinderela em relação ao seu pai. Entretanto, de acordo com Bettelheim (2019), nenhum outro conto representa melhor as questões e experiências da criança com essa rivalidade, visto que, Cinderela se sente em desvantagem em relação as suas irmãs, sendo seus interesses trocados a fim de satisfazê-las.

Segundo o autor supracitado, essa expressão, “rivalidade fraterna”, está referindo a uma constelação de sentimentos e causas que os motivaram. As emoções que são despertadas ao sujeito que experimenta essa rivalidade são, na maioria dos casos, desproporcionais ao que de fato é. Comumente, crianças se deparam com o sofrimento dessa rivalidade, embora sejam raros os casos em que as mães beneficiam os filhos em detrimento de outro.

Na narrativa, o rei convida as moças para um baile no qual o príncipe escolheria uma noiva para casar-se. Cinderela é impedida pela madrasta e chora por diversas vezes. A fada madrinha aparece, a veste e a previne em questão do horário, na correria ela perde o sapato de cristal que posteriormente torna-se o método para o qual o príncipe a encontra (SIMÕES; DE OLIVEIRA, 2021).

A ida da moça ao baile, para Moreira (2015), é uma transgressão. Ainda que motivada por maldade, a figura parental da madrasta é contrariada. Rodrigues (2010), em contrapartida, elabora que o aprendizado acontece quando se transfere o objeto de desejo com o a intenção de alcançar o conhecimento, nesse caso, quando o indivíduo se liberta da autoridade delegada aos pais. Sendo assim, a desobediência de Cinderela foi necessária para que ela buscasse o conhecimento. Para que isso acontecesse, questões edípicas e a angústia de castração foram elaboradas por ela.

A fada-madrinha é a simbologia do marco que representa a transfiguração da qual a personagem não sabe, passa pela fase de passividade e conformidade com a sua expectativa de vida, criada das irmãs e madrastas, e acaba por buscar essa equilíbrio, usufruindo da criação de conhecimento e sobressaindo aos obstáculos (RODRIGUES, 2010).

O sapatinho de cristal exerce grande simbologia. Em algumas culturas o sapato significa o amadurecimento sexual feminino. O calçar o sapato, que cabe perfeitamente, faz alusão a união da representatividade fálica do sujeito com seu receptáculo (MOREIRA, 2015). A perda do sapato, pode ser pensada como propulsora de imaginar que é preciso perder algo para posteriormente agregar, tornando possível uma troca, para que no fim se adquira maturidade (RODRIGUES, 2010).

Outrossim, ainda de acordo com o autor acima, para os chineses o pé é símbolo de beleza e feminilidade, e a China é onde surgiram os primeiros relatos da narrativa. Dessa forma, os pés grandes das irmãs de Cinderela, não cabendo no sapato, as tornavam indesejáveis (RODRIGUES, 2010).

Muitas crianças ponderam no início da história que Cinderela de fato merece o destino para o qual sua vida tomou rumo, assim como sentem sobre si mesmas, não deixando que ninguém o saiba. Entretanto, no final, é percebido que Cinderela é digna de ser honrada, fazendo com que a criança também espere um dia poder ser (BETTELHEIM, 2019).

Além disso, ainda de acordo com o autor acima, um dos triunfos maiores apresentados na narrativa está em Cinderela, mesmo com as situações mágicas que a auxiliaram durante sua história, é capaz por seus próprios méritos e esforços

de transcender sua condição até então degradante. Sugestiona-se a criança uma confiança de que será igual para ela.

### **Chapeuzinho Vermelho**

Um dos mais famosos dos contos de fada, Chapeuzinho Vermelho, teve história contada por diversos autores, inclusive também por Charles Perraut, porém disseminou-se a versão contada pelos irmãos Grimm, no qual uma menina que usava graciosamente um chapéu vermelho (COUTINHO; RODRIGUES, 2021).

Tanto no título, como no nome da personagem que discorre a história, o vermelho se mantém. Para Bettelheim (2019), o fato de dar ênfase a cor vermelha faz com que o leitor remeta a emoções violentas, bem como as emoções sexuais.

A capacidade pela qual as crianças compreendem um enredo infantil torna-se evidente na contação dessa narrativa. A lição se dá quando mesmo após as advertências maternas, Chapeuzinho desobedece às orientações maternas e se deixa ser evolvida nas palavras do lobo que, com astúcia consegue saber o destino e o que portava em mãos pela própria menina (DE SOUZA, 2016).

Nessa versão da história, o dilema que existe está relacionado com o princípio do Prazer e o da Realidade. Quando o Lobo a persuade pela escolha de caminhos, remete-se ao questionamento do que ela deveria fazer e o que ela gostaria de fazer, pondo em xeque o aconselhamento materno (ARAÚJO; AMARI; DE OLIVEIRA, 2011).

O diálogo da história remete a conteúdos e marcas de sexualidade e a figura do lobo traz traços masculinizados: “para te ver melhor”, “para te comer”; bem como as falas “por que essas mãos tão grandes?”, ditas pela própria criança (KHALIL *et al.*, 2009). A narrativa alerta para os perigos que podem ser vivenciados pelas crianças por de sua ingenuidade. Nesse conto, a criança experimenta da curiosidade de conversar com um estranho, dando sua confiança (ARAÚJO; AMARI; DE OLIVEIRA, 2011). O lobo, aqui, para Bettelheim (2019), não visa representar exclusivamente o sedutor masculino e ou o mal, mas também as demandas antissociais e primitivas presentes no humano.

Bettelheim (2019), pondera que Chapeuzinho Vermelho propicia a exteriorização dos processos pelos quais passa a criança em fase púbere. O lobo

para ele, simboliza a maldade que a criança vivencia quando se permite seduzir ou ser seduzida. Quando a garotinha se desvia do caminho aconselhado previamente pela mãe, se depara com a maldade.

Chapeuzinho Vermelho aborda questões do humano. Remete a paixões, desejo, voracidade oral. A história dispõe de requisitos da oralidade representada pela comida sendo levada a avó, bem como variações cabalísticas – o lobo engolindo a vovozinha (BETTELHEIM, 2019).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo as colaborações dos autores que foram evidenciadas durante a produção dessa revisão, destaca-se nas narrativas escolhidas, aspectos psicanalíticos da forma mais primitivas. Todo o sujeito que é construído na infância sofre uma série de mudanças das quais se adiciona comportamentos adquiridos de maneira consciente e inconsciente.

As mensagens subentendidas nos contos de fada manifestam, como mensurado por Bettelheim (2019), além de vieses que corroboram para a desmistificação dos conceitos da sexualidade, transmitem também aos indivíduos, no caso as crianças, a ideia de lutar contra as divergências que aparecem na existência humana, quaisquer sejam elas. Outrora, pondera que quando o sujeito não fica intimidado e enfrenta as situações difíceis e ou inesperadas, por fim ele se tornará vitorioso.

A psicanálise, para esse autor, foi elaborada para promover a capacitação do homem, além de compreender as naturalidades que advém da vida. Ainda assim, é somente lutando contra as desvantagens esmagadoras do humano que se pode dar sentido a existência dele.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Francielle Mayumi Sakamoto Claro; AMARI, Fabio Nader; DE OLIVEIRA, Ana Maria Moreno. A função dos contos de fadas na constituição do sujeito psicanalítico: uma análise a partir do conto de Chapeuzinho Vermelho. **Akrópolis-Revista de Ciências Humanas da UNIPAR**, v. 19, n. 3, 2011.

ARENA, Adriana Pastorello Buim; PEDRO, Juliana Chierregato. Branca de Neve e o homem letrado. **Educação em Análise**, v. 5, n. 1, p. 201-218, 2020.

BATISTA, Livia Márcia; DE SOUZA SANTOS, Geni Alves. Considerações sobre as histórias infantis e a ansiedade na primeira infância. **Revista de Educação**, v. 8, n. 8, p. 39-51, 2014.

BETTELHEIM, Bruno. A psicanálise dos contos de fadas. Rio de Janeiro: **Paz e Terra**, 2019.

CORSO, D. L.; CORSO, M. Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis. Porto Alegre: **Art-med**, 2006

COSTA, Veronica Prudente; WANKLER, Cátia Monteiro. Branca de Neve, de Lídia Jorge: sobre mulheres e princesas. Abril: **Revista do Estudos de Literatura Portuguesa e Africana-NEPA UFF**, v. 13, n. 26, p. 43-53, 2021.

DA RESSURREIÇÃO, Juliana Boeira. A importância dos contos de fadas no desenvolvimento da imaginação. Pós-graduação em Novas Abordagens em Língua Portuguesa e Literatura da Língua Portuguesa. Faculdade Cenecista de Osório **FACOS/RS**, 2005.

DE CASTRO, Adriana Sperandio Ventura P. Diálogos entre literatura clássica infantil e psicanálise. **CES Revista**, v. 22, n. 1, p. 267-281, 2008.

DE MOURA, Jennifer Guimarães; ASSIS, Maria de Fátima Pessoa. Psicanálise e contos de fadas no processo de elaboração do luto infantil. **Perspectiva em Psicologia**, 2018

DE SOUSA, Ivan Vale. Chapeuzinho Vermelho no Divã. **Letras Escreve**, v. 6, n. 1, p. 418-435, 2016.

FALCONI, Isabela Mendes. Contos de Fadas: origem e contribuições para o desenvolvimento da criança. **Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade**, 2015.

FUKS, Rebeca. A intertextualidade e o dialogismo presentes no conto “Branca de neve” de Lídia Jorge. Revista e-escrita: **Revista do Curso de Letras da UNIABEU**, v. 3, n. 1A, p. 115-129, 2012.

IACOVANTUONO, Joyce R. Corrêa. A CONTRIBUIÇÃO DOS CONTOS DE FADAS NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL. **Revista Educação Continuada**, v. 3, n. 2, p. 5-12, 2021.

JOSIOWICZ, Alejandra. A psicanálise e as transformações na concepção da infância nas crônicas e colunas de Clarice Lispector, 1952-1973. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.27, n.1, jan.-mar. 2020, p.53-69.

KHALIL, MARISA MARTINS GAMA *et al.* Chapeuzinho vermelho-visão e contra visão de a psicanálise nos contos de fadas, de bruno bettelheim. **Revista Alere**, v. 2, n. 1, p. 15-15, 2009.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. **Em Aberto**, v. 5, n. 31, 1986.

MEREGE, Ana Lúcia. Os contos de fadas: origens, história e permanência no mundo moderno. **Editora Nova Alexandria**, 2019.

MONTEIRO, R. C. Pesquisa qualitativa como opção metodológica. **Pro-Posições**, Campinas, SP, v. 2, n. 2, p. 27–35, 2016.

MOREIRA, Priscylla Olivo. A primeira dança de Cinderella: a psicanálise dos contos de fadas na leitura do poema de Sylvia Plath. **UNB**, 2015.

QUEIROZ, P. S. Psicanálise e contos de fadas: um estudo comparativo entre Branca de Neve e Paula Rego. **Mosaico**. São José do Rio Preto, v. 20, n. 1, p. 501-518, 2021.

RAMOS-CERQUEIRA, Ana Teresa de Abreu *et al.* Once upon a time... fairy tales and psychodrama to help students at the end of the medical course. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 9, p. 81-89, 2005.

RODRIGUES, Vanusa Dos Reis Coêlho. Era uma vez... cinderela e Édipo: uma visão psicopedagógica. **Repositório PUCSP**, 2010.

SANT'ANNA RAMOS VOSGERAU, D.; PAULIN ROMANOWSKI, J. Estudos de revisão: implicações conceituais e metodológicas. **Revista Diálogo Educacional**, [S. l.], v. 14, n. 41, p. 165–189, 2014.

SCHNEIDER, Raquel Elisabete Finger; TOROSSIAN, Sandra Djambolakdijan. Contos de fadas: de sua origem à clínica contemporânea. **Psicologia em revista**, v. 15, n. 2, p. 132-148, 2009.

SIMÕES, Daniele Sabrina Cherubino; DE OLIVEIRA, Luiz Romero. A perspectiva psicanalítica do conto de fadas cinderela. **RECIMA21-Revista Científica Multidisciplinar-ISSN 2675-6218**, v. 2, n. 10, p. e210733-e210733, 2021.

SIMÕES, Daniele Sabrina Cherubino; DE OLIVEIRA, Luiz Romero. A perspectiva psicanalítica do conto de fadas cinderela the psychoanalytical perspective of the cinderella fairy tale. **RECIMA 21**, 2021.

VON FRANZ, M.L. A Interpretação dos Contos de Fadas, Rio de Janeiro: **Achiamé**, 1981.

ZANUCO, Bianca Silveira; DE BARROS MENEGAT, Carla. Contos de fadas como ferramenta terapêutica em grupos: um relato de experiência a partir da abordagem psicanalítica. **Anais da mostra de iniciação científica do cesuca-issn 2317-5915**, n. 15, 2021.